



ARTIGOS - ARTICLES

Centenário da imigração japonesa (1908-2008)¹

Marcel Mendes²

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)
Diretor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da Universidade Presbiteriana Mackenzie
marcel.mendes@mackenzie.br

Recebido em 17/09/2018. Aprovado em 24/10/2018.

Como citar este artigo: Mendes, M. “Centenário da imigração japonesa (1908-2008)”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, nº6, pp. 92-99. 2018. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa (1908-2008), homenageiam-se, neste artigo, os 100 primeiros engenheiros *nikkeis* formados em São Paulo. Para isso, propõem-se algumas questões que visam a refletir sobre a trajetória desses profissionais: O que têm a dizer as escolas de Engenharia de São Paulo a respeito dos seus ex-alunos “nikkeis”? Seria possível identificar traços de identidade comuns a esses cidadãos procedentes da “terra do sol nascente” que um dia quiseram se tornar engenheiros no Brasil? Quantos fragmentos do passado devem ser resgatados neste momento de celebração? Para responder a essas perguntas, este ensaio estabelece o seguinte itinerário investigativo: o resgate dos primórdios, o caminho da ascensão social, o pioneirismo na década de 1930 e os destaques de um universo livre. Ao final tecem-se considerações finais que saúdam personalidades que se destacaram no cenário aqui abordado.

Palavras-chave: Centenário da Imigração Japonesa, Instituto de Engenharia, Nikkeis.

Centenary of Japanese immigration (1908-2008)

Abstract: In celebration of the Japanese Immigration’s Centennial (1908-2008), this article pays tribute to the first 100 *nikkei* engineers graduated in São Paulo. To this end, some questions have been proposed, aiming at reflecting on the path of these professionals: what do the schools

¹ Homenagem prestada no Instituto de Engenharia aos cem primeiros “nikkeis” formados em São Paulo.

² Engenheiro Civil (Mackenzie-1971), Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (Mackenzie-1999) e Doutor em História Social (USP-2005), foi Professor da Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie por mais de três décadas e seu Diretor ao longo de dez anos não consecutivos. Exerceu, também, por quatro mandatos trienais não consecutivos, o cargo de Vice-Reitor da mesma Universidade, tendo desempenhado várias outras funções executivas no Instituto Presbiteriano Mackenzie. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura-- Mestrado e Doutorado -- foi, também, seu Coordenador. Atualmente, exerce o cargo de Diretor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

of Engineering in São Paulo have to say about their former “Nikkei” students? Would that be possible to identify common traces of identity to these citizens from “the Land of the Rising Sun”, who one day wanted to become engineers in Brazil? How many fragments of the past must be rescued in this moment of celebration? In order to answer these questions, this essay establishes the following investigative route: the rescue of the early days, the way to upward mobility, the pioneering role during the 1930’s and the highlights of a free universe. At the end, final considerations are made, greeting personalities who stood out in the scenario approached in the text.

Keywords: Japanese Immigration’s Centennial, Institute of Engineering, Nikkeis.

Introdução

Objetiva-se, neste artigo, homenagear os primeiros engenheiros “nikkeis” formados nas cinco escolas de Engenharia mais antigas de São Paulo, as mesmas escolas que incorporaram à galeria dos seus egressos as figuras relevantes dessa centúria de pioneiros.

Evidentemente, alguns já se retiraram do cenário da vida. Entretanto, este texto se propõe reconhecer suas contribuições honrando seus familiares e amigos de maneira que nenhum nome desse seleto rol fique sem os aplausos e reverências que lhes reservamos nesta homenagem que se faz neste artigo e que faz parte de uma celebração do Instituto de Engenharia em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa.

O que têm a dizer as escolas de Engenharia de São Paulo a respeito dos seus ex-alunos “nikkeis”? Seria possível identificar traços de identidade comuns a esses cidadãos procedentes da “terra do sol nascente”, que um dia quiseram se tornar engenheiros no Brasil? Quantos fragmentos do passado devem ser resgatados neste momento de celebração? Arrisquemos algumas respostas para essas questões.

1. Resgatando os primórdios

Segundo o jornalista Waldir Martins, ao desembarcarem no porto de Santos com sua bagagem de esperança e otimismo, os 781 pioneiros vinculados ao acordo migratório firmado entre o Brasil e o Japão não poderiam imaginar como o impacto do seu trabalho, da sua luta e do seu esforço iria contribuir para a construção de um mundo inteiramente novo. Ao longo do processo migratório, que se estendeu mais intensamente de 1908 a 1970, aproximadamente 210 mil imigrantes japoneses vieram para o Brasil e se integraram na formação de uma nova identidade cultural, a *nipo-brasileira*.

Não se pode negar, contudo, que a construção desse universo inovador se deu de forma tímida, tensa e progressiva, colocando em confronto valores e modos de ser inteiramente diversos. Do *ethos* do povo japonês ressaltavam-se alguns traços característicos, tais como: sentimento de honra e cumprimento da palavra empenhada; alternativas de orgulho e humildade, de autodomínio e explosão; grande afabilidade de trato e notável propensão ao exercício do respeito, da disciplina e da higiene.

Longe de serem apenas estereótipos de um povo exótico, essas virtudes já haviam sido reconhecidas pelo jesuíta espanhol Francisco Xavier, em 1549, por ocasião do primeiro contato de ocidentais com o Japão. Em seus registros missionários, São Francisco Xavier³ consignou o mais alto apreço pela coragem, simplicidade, orgulho e cortesia do povo japonês, bem como pelas suas qualidades de inteligência e cultura, afirmando literalmente: “Gente de muito juyzo e curiosa de saber, asi nas cousas de Deus, como nas outras cousas da sciencia.”

Essa referência traz à lembrança um elemento histórico poucas vezes mencionado, o de que os portugueses – tanto missionários, como navegadores – tiveram participação significativa no desenvolvimento do Japão, nos séculos XVI e XVII, com influências que resultaram na introdução de mais de 350 palavras portuguesas na língua japonesa.

Segundo informação da historiadora e antropóloga Célia Sakurai, chegou a ser editado um dicionário bilingue português-japonês, nos idos de 1602, quando o Japão saía da era feudal e ingressava no processo de unificação política e territorial. Pode ser que alguns exemplares dessa preciosidade editorial tenham partido do porto de Kobe, em 28 de abril de 1908, a bordo do navio “Kasato Maru”, e tenham sido transportados para as fazendas de café do oeste paulista, onde esses imigrantes tiveram que fixar as suas primeiras raízes.

Se lembrarmos que mais de dois terços desse primeiro contingente humano era alfabetizado e alguns tinham escolaridade superior, faz sentido imaginar que, na sua bagagem, não havia apenas roupas e utensílios domésticos, mas também uma carga de cultura e uma porção de expectativas auspiciosas. É verdade que alguns sonharam em ficar ricos rapidamente e depois tiveram que alongar o cronograma dos seus projetos pessoais e familiares. É o caso de lembrar as palavras de Gaston de Bachelard: “Nada é fixo para quem, alternadamente, pensa e sonha.”⁴

2. A caminho da ascensão social

³ Apud JANEIRA, Armando Martins. *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*. Lisboa: D. Quixote, 1970, p. 41.

⁴ BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. P. 81.

As agruras da fase pioneira foram progressivamente superadas pelo esforço indômito dos que se fizeram agricultores para poderem ingressar no país e serem admitidos nas fazendas, mas que, depois de algum tempo, se revelaram mais empreendedores que simples operários, passando a comprar terras e a desenvolver os seus próprios negócios. Nessas novas condições, não demorou a que a produção agrícola se diversificasse e incorporasse elementos de tecnologia e inovação, contribuindo, também, para a consolidação desse segmento econômico, a organização de associações e cooperativas.

Na década de 1930, enquanto o Japão mobilizava as forças armadas para estabelecer a sua hegemonia regional, as comunidades de imigrantes e seus descendentes no Brasil não só ganharam configuração mais urbana, como lançaram as bases da ascensão social que estava prestes a ser construída. São desse tempo as primeiras presenças de “nikkeis” nas universidades brasileiras, começando pelos cursos tradicionais, como os de Medicina, Engenharia e Agronomia. Depois surgiram os alunos de Farmácia, Odontologia e Direito; mais tarde vieram os Bacharelados e Licenciaturas; por último, as carreiras de Administrador, Economista e Psicólogo.

Essa escalada não foi totalmente linear, uma vez que, no teatro da Segunda Guerra Mundial, o alinhamento do Japão aos países do Eixo teve o efeito de gerar focos de tensão que inibiram a desenvoltura socioeconômica da comunidade nipônica no Brasil. Essa situação só foi revertida a partir das tragédias de Hiroshima e Nagazaki, em agosto de 1945, que levaram ao encerramento definitivo do conflito mundial e ao desaparecimento, no território nacional, dos preconceitos e hostilidades que, recorrentemente, invocavam o fantasma do “perigo amarelo”. Em 1952, Brasil e Japão reataram suas relações diplomáticas, e, em 1954, começou a primeira fase de investimentos japoneses na indústria brasileira.

Nesse cenário de luzes e sombras é que surgiram os personagens primitivos de uma história fascinante, a dos “nikkeis” nas escolas de Engenharia de São Paulo. Aliás, nas comunidades de imigrantes japoneses e seus descendentes pensava-se e agia-se assim: melhor que guardar dinheiro é ter um filho “doutor”. Os exemplos que confirmam essa visão são inúmeros e eloquentes.

Foi na década de 1930 que entraram em cena os primeiros atores – eram apenas quatro (*yon*, não *sbi*). No decênio seguinte, esse número saltou para 27. Uma década depois (1950), o total disparou para quase 150. Ainda assim, os números absolutos eram pequenos, vindo a crescer significativamente somente após 1960, quando filhos e netos de imigrantes já constituíam uma comunidade numerosa no estado de São Paulo, e essas famílias tinham sido atraídas para os grandes centros urbanos e seus cinturões verdes. Aliás, foi nessa década que os “nikkeis” começaram a ganhar trânsito social, projeção profissional e visibilidade acadêmica. É o caso, por exemplo, de Yokishigue Tamura, que, em 1951, se tornou o primeiro deputado estadual de ascendência japonesa em São Paulo, e de Kazuo Watanabe, que, aos 26 anos de idade, se tornou o primeiro juiz *nissei* da história da imigração japonesa no Brasil. Isso foi em 1962.

A título de ilustração, mencionamos o *Mackenzie College*, depois Escola de Engenharia Mackenzie, que, de 1900 a 1960, formou 3.462 engenheiros, dos quais apenas 88 “nikkeis” (2,54%). Essa proporção cresceu, e já, em 1971, o contingente de “nikkeis” no Mackenzie subiu para mais de 6,0% do total de engenheiros. É uma coincidência que na Escola Politécnica tenha se formado o mesmo número de “nikkeis”, no período que vai dos seus primórdios, até 1960: foram exatamente 88. Isso representa menos de 2,0% do número total de engenheiros politécnicos. Mas, em 1971, a proporção de “nikkeis” na Escola Politécnica já subia para mais de 13%, reforçando uma tendência dessa época. Dizia-se, então, como brincadeira: “Se Você quer entrar na Poli, mate um japonês!”

Ainda no tocante à presença de “nikkeis” nas listas de formandos, promovemos o levantamento dos números da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ, em Piracicaba (SP), compreendendo agrônomos e engenheiros florestais. Desde a primeira turma, em 1903, e até a mais recente, em 2007, a ESALQ formou 10.497 profissionais, dos quais 999 são “nikkeis”, isto é, 9,5% desse universo total de *esalquianos*. O primeiro de todos eles foi Shisuto José Murayama, graduado em Agronomia em 1942, ano em que o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. A propósito dos agrônomos e engenheiros florestais formados na ESALQ, cabe referir as palavras do historiador Oracy Nogueira⁵:

Ainda está por se fazer um estudo sistemático da influência japonesa na transformação da agricultura em São Paulo, do preparo e trato do solo à experimentação agrícola; da criação de variedades mais econômicas à indústria de mudas e sementes; da organização de pequenos estabelecimentos agrícolas e granjas ao cooperativismo e comercialização dos produtos.

3. Pioneirismo na década de 1930

O destaque inicial cabe ao *issai* Takeo Kawai, que ingressou na Escola de Engenharia do *Mackenzie College* em 1927, ano em que foi fundada nos arredores de São Paulo a Cooperativa dos Plantadores de Batata, futura Cooperativa Agrícola de Cotia. Takeo Kawai formou-se em 1931, ao lado de outros 25 engenheiros civis, cinco engenheiros-arquitetos, quatro engenheiros mecânicos-eletricistas e um engenheiro químico – todos brasileiros. Como requisito para a graduação em engenharia civil, apresentou “*projecto-tese*” com o seguinte título: “*Projecto de uma ponte pênsil sobre o Rio Tietê*”. Fez jus a dois diplomas, um nacional, de número 421, expedido em 4 de março de 1932, outro norte-americano, de número 396, com o timbre da *University of the State of*

⁵ APUD KUPFER, José Paulo. A saga do trabalho. *Exame*, 9 mar. 1988. ESPECIAL: 80 anos da imigração japonesa. Disponível em: <<http://www.japao100.com.br/arquivo/saga-do-trabalho/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

New York. Por razões hoje desconhecidas, Takeo Kawai retirou apenas o diploma brasileiro, em 14 de junho de 1933, deixando de receber o título acadêmico emitido em inglês e cancelado em Nova York. Definitivamente, ele foi o primeiro imigrante japonês a se formar engenheiro no Brasil.

Na sequência dos profissionais oriundos das escolas de Engenharia, segue-se Takeshi Suzuki, graduado engenheiro-arquiteto pelo Mackenzie, em 1933, depois de ter defendido a tese com o título: “Projeto para a construção de um Teatro Moderno, situado entre a Av. S. João, Rua Ipiranga, Praça da República e Rua dos Timbiras”. Nascido em Tóquio, em 25 de setembro de 1908, Takeshi Suzuki cultivou vínculos profissionais com o Mackenzie. Nesse contexto de cooperação, foi vencedor do concurso para o projeto arquitetônico do novo Edifício Chamberlain, que abrigaria no seu interior o tradicional Auditório Ruy Barbosa, inaugurado em 1959, além de dezenas de salas de aula e amplas instalações de apoio. Nesse empreendimento, Takeshi Suzuki não só atuou como arquiteto-projetista, mas também como engenheiro-construtor desse monumental prédio escolar, que, durante meio século, foi a edificação de maior porte do *campus* da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Esse nosso distinto homenageado fez, ainda, parte do corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, a mais antiga de São Paulo.

Quanto ao Engenheiro Eletricista Shigueru Ono, adequadamente arrolado como terceiro nome mais antigo dentre os “nikkeis” e primeiro engenheiro formado na Escola Politécnica, em 1935, há, no mínimo, uma curiosidade a ser revelada. Nascido em Kumamoto, Japão, há exatamente 94 anos, isto é, em 18 de outubro de 1912, Shigueru Ono ingressou na Escola de Engenharia do *Mackenzie College* no ano de 1931, cursando os dois primeiros anos de engenharia. Com a edição do Decreto nº 21.519, de 13 de junho de 1932, que cassou a validade nacional dos diplomas do Mackenzie, criou-se uma crise sem precedentes na Instituição protestante, de origem norte-americana. Em decorrência desse desfecho, 70 alunos do Mackenzie transferiram-se, no mês de maio de 1933, para a Escola Politécnica, encontrando-se entre eles Shigueru Ono, que iniciava o seu 3º ano de Engenharia. Desse grupo de *mackenzistas* que se tornaram *politécnicos*, fizeram parte algumas figuras que se projetariam no cenário profissional e empresarial, tais como: Salvador Arena, empresário empreendedor, que fundou a *Termomecânica*; Nilo Andrade do Amaral, que se tornou o único Catedrático de Concreto Armado da Escola Politécnica em sua história, além de Professor Emérito; e Ícaro de Castro Mello, notável esportista olímpico e um dos arquitetos de maior projeção nacional no segmento das instalações esportivas de grande porte, tais como ginásios e estádios.

Resta-nos, neste tópico, registrar ainda o nome do Engenheiro Eletricista Atsushi Suzuki, formado no Mackenzie em 1936, o quarto na sequência dos “nikkeis” e o último da década de 1930. Nascido em Tóquio, no Japão, em 29 de maio de 1912, Atsushi Suzuki era irmão mais novo de Takeshi Suzuki. Enquanto Takeshi foi o primeiro engenheiro-arquiteto japonês formado no Brasil, Atsushi tornou-se o primeiro engenheiro eletricista formado no Mackenzie, pois

o curso vinha de uma configuração anterior, que formava engenheiros mecânicos-eletricistas. No bojo das adaptações estruturais do *Mackenzie College* à legislação brasileira, em 1934, foi criada a habilitação exclusiva de Engenheiro Eletricista.

Encerremos, por ora, as referências biográficas individuais dos nossos ilustres “nikkeis” engenheiros, para tentar uma síntese desse universo de personalidades, em que cada um reúne credenciais marcantes, compatíveis com a menção honrosa. Por excesso de luminosidade, é impossível distinguir, nessa constelação, quais são as figuras que projetam mais luz. Tentemos alguns destaques.

4. Destaques de um universo ilustre

Por ordem de antiguidade, não podemos deixar de mencionar o nome do Engenheiro de Minas e Metalurgia Tomio Kítice, graduado pela Escola Politécnica em 1946, pesquisador conceituado e professor das escolas de Engenharia Mackenzie e Mauá. Nessa sequência, comparece o Prof. Dr. Eduardo Riomey Yassuda, formado na Escola Politécnica em 1947, que fez carreira na Faculdade de Saúde Pública da USP e em órgãos públicos e autarquias estaduais, sendo responsável, como Secretário de Estado dos Serviços e Obras Públicas, pela criação do CETESB, em 1968. De 1948, ressaltamos o nome do Eng^o Civil Jihei Noda, do Mackenzie, que se elegeu Deputado Estadual em 1971, sendo reeleito por mais duas vezes. Do ano seguinte, 1949, destacamos o Prof. Dr. Job Shuji Nogami, docente da Escola Politécnica nas áreas de Tecnologia de Materiais de Pavimentação e Mecânica dos Solos. Ainda de 1949 e da mesma Escola Politécnica, não podemos escapar da menção do Engenheiro Civil Yojiro Takaoka, o “construtor de sonhos”, que, ao lado do seu colega Engenheiro-Arquiteto Renato Albuquerque, foi o pioneiro dos condomínios horizontais no Brasil, criando os empreendimentos referenciais de Alphaville e Aldeia da Serra, em 1973.

Obedecendo à ordem cronológica, destacamos ainda o Prof. Dr. Paulo Soichi Nogami, formado na Escola Politécnica em 1950 e docente veterano nas áreas de Engenharia Hidráulica e Sanitária. Da geração de 1951, ressaltamos a figura do Engenheiro Civil Yasuo Yamamoto, formado pela Escola de Engenharia Mackenzie, que se consagrou como profissional de estruturas de concreto armado, coadjuvado pelo seu filho, Engenheiro Civil Athayde Rioji Yamamoto. Da turma de 1953, da Escola Politécnica, não poderíamos omitir o nome do respeitável e ilustre Engenheiro Civil Kokei Uehara, Professor Emérito da Escola Politécnica e da FATEC, *Doctor Honoris Causae* pela *Osaka City University* e Presidente da Sociedade Brasileiro de Cultura Japonesa e de Assistência Social – *BUNKYO*. Sem ignorar a relevância de outras personalidades que integram a lista da primeira centena de engenheiros de origem japonesa, destacamos, por último, o nome de Harumi Ohno, formada na Escola Politécnica no ano de 1957 – primeira mulher a

conquistar o título de Engenheira, dentre a comunidade dos “nikkeis” em São Paulo. Isso aconteceu dez anos depois de Vera Maria Junqueira de Mendonça ter sido a primeira Engenheira Civil da Escola Politécnica (1947).

A todos os arrolados e a cada um dos nominados, as nossas mais vivas e sinceras homenagens.

Considerações Finais

Para encerrar esta homenagem, cumpre-nos acrescentar algumas menções nominais: o Prof. Dr. Célio Taniguchi, ex-diretor da Escola Politécnica, por meio de quem cumprimentamos todos os docentes da Escola Politécnica e da ESALQ; o Prof. Dr. Fujiô Yamada, veterano docente da Escola de Engenharia Mackenzie, por meio de quem cumprimentamos o quadro de professores dessa centenária Escola e da Faculdade de Engenharia Industrial – FEI; o Professor Engenheiro Hazime Sato, Diretor da Escola de Administração Mauá, por meio de quem cumprimentamos os docentes do Centro Universitário Mauá; o Engenheiro Civil Maçahico Tisaka, ex-presidente do Instituto de Engenharia, por meio de quem cumprimentamos todos os engenheiros “nikkeis” de São Paulo. Saudando essas simpáticas personalidades, que se destacaram em diferentes contextos, queremos reiterar os nossos aplausos e reverências aos engenheiros “nikkeis” que, mesmo não tendo sido contados como integrantes da primeira centena, vem contribuindo relevantemente com seu talento, habilidade e disciplina para o crescimento do nosso país.

Não poderíamos esperar menos dessa plêiade extraordinária de profissionais, cujos traços étnicos remetem ao povo e à nação que soube reconstruir o seu país – o Japão – depois de ter sido devastado pela guerra; que soube investir em tecnologia de ponta e desenvolveu os conceitos de qualidade total; que se tornou referência mundial nos campos mais diversos da ciência aplicada, das telecomunicações, da nanotecnologia, da robótica, da indústria siderúrgica, automobilística e naval, bem como da construção civil pesada.